

A GRANDE DIVERGÊNCIA DO SUBCONTINENTE INDIANO DURANTE O PERÍODO DE DOMÍNIO INGLÊS: GEOPOLÍTICA, COMERCIO E DESENVOLVIMENTO TECNOLÓGICO (1757-1947)

Autor/es: **Eduardo A. CRESPO (UNM-UFJR, Brasil) y Manuel GONZALO (UNGS-UFRJ, Brasil)**

e-mail: ecrespo70@yahoo.com.ar

Resúmen:

A literatura recente sobre "grande divergência" entre Europa e o resto do mundo trouxe novos dados estatísticos e renovadas interpretações sobre os inícios do capitalismo global baixo liderança ocidental. Embora não estejam isentos de controvérsias e discussões metodológicas, os trabalhos de Nayyar (2013), Pomeranz (2000) e Parthasarathi (2011), entre outros, são alguns dos principais em apontar que o período de ascensão europeia foi, de alguma maneira, uma excepcionalidade na longa história da humanidade. De acordo com estes autores, até inícios do século XIX Ásia tinha um nível de população e PIB superior ao resto das regiões do mundo. Inclusive, os PBI per capita e os índices de industrialização asiático e europeu se encontravam em níveis similares até inícios do século XIX (Nayyar, 2013). Mais recentemente, a partir de meados do século XX, a economia mundial teria começado a gravitar novamente em direção à hegemonia oriental, puxada principalmente pela ascensão da China e, em menor medida, da Índia.

Neste marco, as novas evidências e interpretações permitem não só rediscutir a revolução industrial, porém também a dinâmica dos países envolvidos na grande divergência do século XIX. Neste ensaio procuramos fazer um ordenamento do debate para o caso da Índia, durante o período de domínio inglês, primeiro, entre 1757 e 1857, através da penetração territorial da Companhia Britânica das Índias Orientais (CIBO) e depois, desde 1857 até 1947, baixo o domínio do Raj Britânico. Embora seja um fato objetivo que durante o período de domínio britânico se produz a ascensão britânica e a queda indiana, o entendimento, os dados e as explicações de este processo ainda são parte de uma discussão em aberto, que merece uma análise mais detalhada. As interpretações marxistas, assim como as nacionalistas indianas, atribuem a queda às práticas imperialistas britânicas, entanto que a leitura 'ocidental' argumenta em pro da transferência de tecnologias, práticas e cultura empresarial de parte da Grã Bretanha (Baran, 1978; Roy, 2004; Dutt, 1990). Ambas as visões, denominadas por Parthasarathi (2011) como "externalistas" se contrapõem a visões "internalistas", que referem as características da sociedade de castas e, de modo geral, as características culturais do subcontinente indiano, como as responsáveis do atraso indiano. De alguma maneira, na linha de Mokyr (2007), mas no sentido inverso.

Sem desconhecer a relevância destas visões, nos tentaremos expor, interpretar e ordenar uma série de contribuições recentes que tentam balancear a explicação da grande divergência na Índia, em particular, em relação a três eixos: 1) a periodização do domínio britânico e o processo de 'desindustrialização', 2) a relevância e os tipos de concorrência -militar e comercial- acontecidos em cada período e 3) a tentativa de responder porque a Índia ficou atrás durante o século XIX. Neste sentido, tentaremos pensar estes três eixos a partir de fenômenos de longo prazo, principalmente vinculados à geopolítica e o comércio internacional, os processos de desenvolvimento, domínio e transferência de tecnologia e o poder militar (Finlay e O'Rourke, 2007; Headrick, 1988; Kumarand e Raychaudhuri, 2008). Neste sentido, se procura balancear as causas "internas" e "externas" que dão luz a este período. Assim, este trabalho busca contribuir em três dimensões: a) entender os baseamentos geopolíticos deste período, b) explorar a relevância que teve a Índia no *take off* inglês, ou seja, na Revolução Industrial e c) entender a relevância da superioridade tecnológico-militar da Inglaterra para explicar a desindustrialização e queda indiana.